

MEMÓRIA

Pioneiros reúnem-se no primeiro palácio erguido na nova capital para, ao som de serestas e boleros, celebrar 50 anos de história

Kleber Lima/CB



EURÍPEDES, ERNESTO SILVA E A MULHER SÔNIA MARIA, ALÉM DE JOSÉ DUTRA, TIVERAM UMA TARDE REPLETA DE EMOÇÃO: LEMBRANÇAS DO COMEÇO DE BRASÍLIA

Meio século de Catetinho

MARCELA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

Há 50 anos, quando o presidente Juscelino Kubitschek inaugurou o primeiro palácio da nova capital, chovia sobre o cerrado. Na tarde de ontem, pioneiros, administradores e autoridades como a governadora Maria de Lourdes Abadia voltaram ao Catetinho para celebrar a passagem de meio século desde a inauguração. Mais uma vez, chovia sobre o Palácio de Tábuas.

O principal estacionamento do Catetinho deu lugar a tendas brancas. A tarde foi animada com muita música. Cantores e músicos que construíram sua carreira ao mesmo tempo em que a capital se consolidava também estiveram presentes. O pioneiro Ernesto Silva era só emoção. “Estou com o coração acelerado. Mas, como tenho boa saúde, não vai ser hoje que ele vai me deixar na mão. Aqui foi o início de tudo”, disse, com

os olhos cheios de água.

Ao poucos, Ernesto Silva lembrou de histórias vividas por ele no Palácio de Tábuas. “Eu tinha um quarto aqui no Catetinho. Mas um dos lugares que eu mais gostava era da sala de jantar, da mesa de madeira, dos bancos de madeira. Não tinha luxo algum, mas era uma mordomia. Naquela época não tinha nada aqui”, lembrou.

Já o mineiro José Dutra Ferreira, 75, que chegou no grande canteiro de obras em 1957, lembra com orgulho da profissão que exerceu no Catetinho. Como garçom ele serviu inúmeras vezes o presidente Juscelino Kubitschek. “Lembro até do que ele (JK) gostava de comer: galinha ao molho pardo, quiabo e polenta”, descreveu. “Quando ele estava aqui, todos acordavam logo para preparar o café. Era uma alegria sem tamanho.” O diretor do Hospital Iapi em 1957, Eurípedes Del Fiaco, também compareceu ao evento. “No início da construção, não havia mulheres

na cidade. Era uma honra conversar com as enfermeiras”, comentou, sorridente.

À moda JK

Segundo o secretário de Cultura do Distrito Federal, José Ricardo Marques, o evento de ontem quis lembrar o estilo de Juscelino Kubitschek. “Informalidade e solidão. O Catetinho lembra muito o presidente. Tivemos o cuidado de convidar pessoas que fizeram parte da história para que hoje tivéssemos reencontros e lembranças especiais”, afirmou o secretário. O evento foi organizado pela Secretaria de Cultura por meio do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF (Depha).

Para a governadora Maria de Lourdes Abadia, a celebração é um marco. “É um evento muito importante, estamos diante da primeira residência oficial de Juscelino”, destacou. Abadia também lembrou da reconstituição do Palácio de Tábuas, depois que uma praga de cupins quase destruiu a estrutura. “É algo que lem-

bro com muito carinho. A reforma no Catetinho foi durante a minha gestão na Secretaria de Turismo”, ressaltou.

O palco foi comandado pelo diretor do Patrimônio Artístico e Cultural do DF, Jarbas Silva Marques. No início da cerimônia, ele lembrou a seresta que marcou a inauguração há 50 anos, privilégio de poucas pessoas. E entre recordações e músicas a cerimônia seguiu. No palco subiram artistas como o violonista Alessandro Borges, a cantora Glória Maria, presidente da Ordem dos Músicos, o saxofonista Tio Nilo — um dos primeiros músicos que ajudou a difundir o choro em Brasília.

Além de subir ao palco e encantar os convidados com a sua voz, a cantora Glória Maria foi a responsável pela programação musical do evento, ajudando, inclusive, a selecionar o repertório. “Não poderia faltar bossa nova, bolero. Esse era o som da época. Até esse cuidado tivemos para que tudo fosse lembrado de forma especial”, revelou.